“Louvado seja Deus que não sou bom”: Alberto Caeiro, São Francisco de Assis e o menino Jesus

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA
Universidade de Aveiro

1.

Ricardo Reis, ao apresentar, em demorado prefácio, a poesia do Mestre Alberto Caeiro, parte do princípio de que “todos os grandes poetas são simples”¹. Ora, Caeiro é, segundo o seu arguto discípulo, “o maior poeta do século vinte”²; consequentemente, “como todos os poetas universais Caeiro é de uma simplicidade absoluta”³. E Thomas Crosse, a “figura” pessoana que tinha por missão, entre outras coisas, divulgar em inglês a cultura portuguesa, diz que “Caeiro não tem ética a não ser a simplicidade”⁴. Álvaro de Campos, em carta dirigida ao Mestre, exprime a sua admiração da forma seguinte:

*“O que eu adoro nos seus versos não é o sistema filosófico que me dizem que se pode tirar de lá: é o sistema filosófico que não se pode tirar de lá. É a frescura, a limpidez, a primitividade de sensações. É a falta de sistema, precisamente.”*⁵

* Para a realização deste trabalho foram indispensáveis as duas obras seguintes: Maria Teresa Schiappa de Azevedo, *Rostos de Pessoa* (Coimbra 2000); Maria Helena Nery Garcez, *Alberto Caeiro “Descobridor da Natureza”?* (Porto 1985).

Agradeço às duas autoras todos os ensinamentos que me ajudaram a compreender alguns aspectos fundamentais da poesia de Fernando Pessoa.

¹ Ricardo Reis, “Prefácio”: Fernando Pessoa, *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha (Lisboa 1994) 29.

² Id., *ibid.*, 36.

³ Id., *ibid.*, 29.

⁴ Thomas Crosse, “Introduction to AC’s Poems”: *ibid.*, 224: “Caeiro has no ethics except simplicity”. A tradução do artigo de Thomas Cross é da autoria de Luís de Sousa Rebelo (*ibid.*, 226-230).

⁵ Álvaro de Campos, “[De uma carta a Caeiro]”, *ibid.*, 231.

Carlos de Miguel Mora (coord.), *Sátira, paródia e caricatura: da Antiguidade aos nossos dias* (Aveiro 2003) 253-264

Explicando o motivo por que considera Caeiro o maior poeta do século vinte, Ricardo Reis diz que ele é “o mais completo subversor de todas as sensibilidades diversamente conhecidas, e de todas as fórmulas intelectuais variamente aceites”⁶. Ao recusar a existência de um sistema filosófico na poesia de Caeiro, Álvaro de Campos não se esquece de sugerir que a sua opinião não é consensual; e Reis introduz a ideia de subversão. Estamos, portanto, perante uma poesia, cuja suposta simplicidade desarruma as formas de sentir e de pensar. Esta capacidade de desconcertar as visões do mundo transmitidas pela cultura poderia ser levada a cabo através de um discurso poético que rasurasse totalmente a indagação reflexiva e desconsiderasse, por utópica ignorância, toda a tradição cultural? A poesia de Caeiro constitui uma resposta negativa.

Ao referir o carácter subversor da poesia do Mestre, Ricardo Reis avança um sinal interpretativo que faz de Caeiro um poeta-filósofo, falsamente simples. Ele é, na verdade, um pensador obcecado; um artista que tem consciência da maleabilidade estética dos seus recursos estilísticos, e que reflecte sobre as possibilidades expressivas da “arte poética” que subjaz aos seus versos, só aparentemente espontâneos. Lamenta os poetas “que são artistas / E trabalham nos seus versos / Como um carpinteiro nas tábuas!...”⁷, mas ele também é um artista; parodia uma arte poética, propondo outra: ao entristecer-se com o labor oficial dos que põem “verso sobre verso, como quem constrói um muro”⁸, sonha com uma impossível “poética do florir”.

É, além disso, e de forma explícita, um Mestre, preocupado com a eficácia comunicativa da sua mensagem⁹. No poema XLVIII de *O Guardador de Rebanhos*, utilizando uma reduplicação imperativa que faz lembrar o verso setenta e quatro da primeira égloga de Virgílio¹⁰, dirige-se aos seus próprios versos incitando-os a partir, quando já havia dito na primeira estrofe do texto: “Com um lenço branco digo adeus/Aos meus versos que partem para a humanidade”¹¹. A síntese basilar da sua lição está contida numa expressão do poema XXIV de *O Guardador de Rebanhos*: “Uma aprendizagem de

⁶ Ricardo Reis, *art. cit.*, 36.

⁷ Fernando Pessoa, *op. cit.*, 86.

⁸ *Id.*, *ibid.*, 86.

⁹ Vd. Os poemas XXXI e XLVIII, de *O Guardador de Rebanhos*.

¹⁰ Virgílio, Égloga I, v. 75: “Ite meae, felix quondam pecus, ite, capellae”.

¹¹ Fernando Pessoa, *op. cit.*, 99.

desaprender”¹². E no texto trinta e um de *Poemas Inconjuntos*, lemos a seguinte declaração: “Deito-me ao comprido sobre a terra com erva/E esqueço tudo quanto me ensinaram”¹³. Aprender a desaprender é, pois, a mensagem subversora de Caeiro. Mas a tarefa não é fácil, porque, como o próprio poeta reconhece, todos nós “trazemos a alma vestida”¹⁴. E para contemplarmos a realidade do mundo na sua objectividade desarmada, precisamos de desnudar a alma. Para vermos a natureza na materialidade dos seus componentes atomizados, precisamos de desnudar a alma. Para conseguirmos, enfim, suportar o peso da existência, precisamos de desnudar a alma. Mas quais são as vestes que nos revestem a alma e nos toldam a limpidez do olhar? São os milénios de cultura transmitida pelos filósofos, pelos poetas, pelos teólogos, pelos santos.

Fingindo nada saber, Alberto Caeiro parece saber tudo — ele ou quem fala através dele; e, na sua falaciosa simplicidade, pretende destruir tudo, ou quase tudo. A violência extravasada das grandes odes de Álvaro de Campos é apenas um sopro patético e comovente, se comparada com a violência subtil, mas letal, da enganadora bonomia de Caeiro. Pensando constantemente, é através do pensamento que ele desconjunta as nossas certezas mais sólidas e faz explodir os pilares de uma visão do mundo alicerçada em valores como a solidariedade filantrópica, o espírito gregário, a aceitação, tácita ou exultante, dos preceitos do cristianismo.

2.

Seguindo o modelo de Lucrecio, Caeiro é, pois, um poeta-filósofo. Um poeta mais elaborado do que Lucrecio, dirá Fernando Pessoa, que valorizava no autor do *De rerum natura* mais o filósofo do que o poeta, porquanto, à organização formal do poema latino não corresponderia, harmonicamente, um pensamento filosófico estruturado a partir de uma visão atomizada das coisas do mundo. Lucrecio faz a apologia do seu poema, como acontece, por exemplo, no início do livro IV, quando se regozija por ensinar coisas excelsas e libertadoras (“magnis doceo de rebus”), escrevendo, todavia,

¹² Fernando Pessoa, *op. cit.*, 74.

¹³ *Id.*, *ibid.*, 131.

¹⁴ *Id.*, *ibid.*, 74.

versos luminosos (“*lucida carmina*”)¹⁵. Fernando Pessoa julga, no entanto, que essa harmonia entre forma e conteúdo só existe na poesia de Alberto Caeiro: só o Mestre daria a ver os elementos fragmentados da natureza através de um discurso igualmente fragmentado¹⁶. Mas Caeiro aprendeu bem a lição de Lucrecio e — se acreditarmos no julgamento crítico de Pessoa —, aumentou, melhorando, os ensinamentos recebidos.

À semelhança do poeta latino, o heterónimo pessoano escreve sobre a natureza, não como motivo propulsor ou enfeite retórico, mas sim como tema central. Lucrecio é um discípulo de Epicuro — considerado nos versos iniciais do livro terceiro de *De rerum natura* como honra dos Gregos (“*Graiae gentis decus*”) e descobridor das coisas da natureza (“*rerum inuentor*”)¹⁷. Epicuro é o mestre, e Lucrecio o seu apóstolo. Há, portanto, uma doutrina a transmitir. O carácter doutrinário do apostolado de Lucrecio existe igualmente na poesia de Caeiro, mas Caeiro não tem um mestre a quem possa tecer louvores e anunciar a mensagem de salvação. Tem um livro que lê até lhe “arderem os olhos”: o “Livro de Cesário Verde”¹⁸. No universo Pessoa são várias as manifestações de rendido apreço pela poesia de Cesário Verde, mas Cesário não é o mestre de Caeiro; poderia talvez ser um companheiro de deambulação contemplativa. O mestre é a vontade de “desnudar a alma” para ver as coisas de outro modo, de acordo com uma nova filosofia, porquanto, como salienta Maria Teresa Schiappa de Azevedo, Caeiro cria “uma nova mística, uma nova metafísica e uma nova epistemologia – a do objecto”¹⁹.

De Lucrecio, provém ainda a necessidade de desfazer os vínculos com os deuses. Quando, no início do livro terceiro, Lucrecio faz o elogio de Epicuro, diz que a doutrina do filósofo afasta os terrores que atormentam o espírito (“*diffugiunt animi terrores*”)²⁰. E os terrores nascem da superstição, da

¹⁵ Lucrecio, *De rerum natura / De la naturaleza* (Barcelona 1985) 320, v. 6-9: “*primum quod magnis doceo de rebus et artis / religionum animum nodis exsoluere pergo, / deinde quod obscura de re tam lucida pango/carmina, musaeo contingens cuncta lepore*”.

¹⁶ Maria Helena Nery Garcez, *Alberto Caeiro “Descobridor da Natureza”?* (Porto 1985) 41.

¹⁷ Lucrecio., *op.cit.*, 240, v. 1-10. A tradução de ‘*rerum inuentor*’ por ‘descobridor das coisas [da Natureza]’ encontra-se em Maria Teresa Schiappa de Azevedo, “Vertentes Clássicas na Poesia de Alberto Caeiro e de Ricardo Reis”: *Rostos de Pessoa* (Coimbra 2000) 95.

¹⁸ Fernando Pessoa, *op. cit.*, 45.

¹⁹ Maria Teresa Schiappa de Azevedo, *op. cit.*, 85.

²⁰ Lucrecio, *op. cit.*, 240, v. 16.

“Louvado seja Deus que não sou bom”: Alberto Caeiro, São Francisco de Assis e o menino Jesus

crença no poder terrífico dos deuses. Os deuses vivem serenos e afastados da vida dos homens; não nos assustam nem esperam por nós para nos infligirem castigos eternos. Vencendo o temor dos desuses, vence-se também o medo da morte. Michel Serres, no livro *O Nascimento da Física no Texto de Lucrecio*, faz, a certa altura, uma síntese sincopada das lições fundamentais do epicurismo, e um dos preceitos enunciados é o seguinte: esquecer “o religioso, que liga os homens entre si”²¹. Ora, Alberto Caeiro destrói todas as ligações, as que ligam os homens entre si e as que, hierarquicamente, submetem os homens à ligação vertical com Deus. Talvez seja por isso que a natureza de que fala o poeta constitua um território sem gente: ele refere com ironia e desprezo aqueles que são amigos de gente; e depois de ficar seriamente perturbado com a possibilidade de amar e ser amado, nem por isso o amor deixa de ser um sentimento eminentemente morboso. Na sua arcádia profundamente distópica, porque evasiva e melancólica, é preciso evitar os vínculos do coração.

3.

Cortadas as ligações com os homens, também os laços com Deus precisam de ser desfeitos. E é aqui que a poesia de Caeiro dialoga de forma explícita e paródica com a figura e a mensagem de São Francisco de Assis. No universo Pessoa, São Francisco é investido de um estatuto um pouco conflituoso. A importância do santo-poeta advém fundamentalmente da nova visão da natureza que a sua poesia propõe: a natureza, como criação de Deus, não é intrinsecamente má nem funciona, no plano da criação literária, como mero enquadramento retórico. Mas, fazendo parte do mundo das criaturas, submete-se ao poder do criador. Além disso, a poesia de São Francisco atribui aos elementos da natureza características humanas: o “irmão sol”, “o irmão vento”, “o irmão fogo”, “a irmã água, / que é tão útil e humilde e preciosa e casta”²² são testemunhos, em “O Cântico do Sol”, da grandeza divina e entoam um cântico de louvor à magnanimidade de Deus. É evidente que esta liricização emocionada só poderia irritar a áspera objectividade de Caeiro. De Caeiro e dos outros pensadores da companhia, porque São Francisco

²¹ Michel Serres, *O Nascimento da Física no Texto de Lucrecio – Correntes e Turbulências* (São Paulo 2003) 206.

²² A. Herculano de Carvalho, *Oiro de Vário Tempo e Lugar – De São Francisco de Assis a Louis Aragon* (Porto 1983) 82-83.

também seduz e repulsa Fernando Pessoa, Reis, e esse personalidade enigmática que se chama António Mora. O filósofo do neopaganismo detecta na poesia do mestre um “nível de sensibilidade naturalista complexamente parecido com a emotividade de São Francisco de Assis”²³. Mas Ricardo Reis e Fernando Pessoa têm opiniões bastante mais acerbas e violentas. Assim, Reis dando conta das hesitações de Cairo, diz o seguinte:

*“Apontarei, em seguida, como defeito – mais grave para mim, se bem que, bem o sei, muito menos grave para os outros – o banho morno de emotividade cristã em que alguns dos poemas são envolvidos, a simbologia cristista de que alguns deles, mesmo, se servem. Paira por parte do livro um romantismo naturalista qual o ensinaram à Europa os dulçorosos cânticos do abominável fundador da ordem franciscana. Por outros passa, como matéria estética, dispensável todavia, um sopro de mitologia cristã, que destoa da índole da obra.”*²⁴

E em Novembro de 1935, Pessoa publica um pequeno texto na revista *Sudoeste*, intitulado “Nós os de *Orpheu*”, no qual, ao saudar Côrtes-Rodrigues, que vivia então nos Açores, avalia a herança literária franciscana em termos pouco compassivos:

*“Aqui lhe deixamos, num abraço, a expressão da nossa camaradagem de sempre; e o perpetrador destas linhas, velho amigo seu, acrescenta a ela o desejo de que Côrtes-Rodrigues se não embrenhe demasiado, como de há tempos se vai embrenhando, no catolicismo campestre, pelo qual facilmente se aumenta o número de vítimas literárias da pieguice fruste e asiática de S. Francisco de Assis, um dos mais venenosos e traiçoeiros inimigos da mentalidade ocidental.”*²⁵

Uma das vítimas do franciscanismo literário poderia ser precisamente Cairo. No entanto, o registo paródico torna ambígua a referência franciscana. Nos momentos menos controlados, o “guardador de rebanhos” incorpora a linguagem de “O Cântico do Sol”, como se se tratasse de uma “tentação”, que mais tarde deverá ser objecto de autocritica, como sugere Luís de Sousa Rebelo²⁶. Veja-se este exemplo de contaminação franciscana:

²³ Fernando Pessoa, *op.cit.*, 265.

²⁴ *Apud* Maria Helena Nery Garcez, *op. cit.*, 51.

²⁵ Fernando Pessoa, *Crítica – Ensaios, Artigos e Entrevistas* (Lisboa 2000) 522-523.

²⁶ Luís de Sousa Rebelo, “Alberto Caeiro e o Neopaganismo”: Fernando Pessoa, *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, 347.

“Louvado seja Deus que não sou bom”: Alberto Caeiro, São Francisco de Assis e o menino Jesus

*“No meu prato que mistura de Natureza!
As minhas irmãs as plantas,
As companheiras das fontes, as santas
A quem ninguém reza...”²⁷*

Bastaria este exemplo para termos a certeza de que Caeiro conhecia a poesia de São Francisco, e de que poderia, portanto, responder-lhe em termos paródicos, pois “a paródia supõe necessariamente a consciência de um outro texto”²⁸. Mas o próprio poeta tem o cuidado de reconhecer a importância da lição do santo de Assis. No texto trinta e oito de *Poemas Inconjuntos*, a referência já não é distraída, mas abertamente crítica:

*“Leram-me hoje S. Francisco de Assis.
Leram-me e pasmei.
Como é que um homem que gostava tanto das coisas,
Nunca olhava para elas, não sabia o que elas eram?*

*Para que havia de chamar minha irmã à água, se ela não é minha irmã?
Para a sentir melhor?
Sinto-a melhor bebendo-a do que chamando-lhe qualquer coisa.
Irmã, ou mãe, ou filha.
A água é a água e é bela por isso.
Se eu lhe chamar minha irmã,
Ao chamar-lhe minha irmã, vejo que o não é
E que se ela é a água o melhor é chamar-lhe água;
Ou, melhor ainda, não lhe chamar coisa nenhuma,
Mas bebê-la, senti-la nos pulsos, olhar para ela
E isto sem nome nenhum”²⁹*

Caeiro não diz que leu, mas sim “leram-me hoje S. Francisco de Assis”. O leitor foi o engenheiro Álvaro de Campos, que recorda a cena da seguinte maneira:

“Li-lhe uma vez, traduzindo rapidamente, parte das Florinhas. Não li mais porque ele, indignado ou quase, me interrompeu com incômodo próprio. ‘É bom homem, mas está bêbado’, disse o meu mestre Caeiro”³⁰.

²⁷ Fernando Pessoa, *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, 66.

²⁸ Maria Helena Nery Gracez, *op. cit.*, 49.

²⁹ Fernando Pessoa, *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, 133.

³⁰ Id., *ibid.*, 160.

Chamar bêbedo a São Francisco é apenas uma forma pouco polida de dizer que o jogral de Deus não vê as coisas, porque está obnubilado pelo misticismo e submete o seu olhar ao império de deus, que apesar de no verso inicial de “O Cântico do Sol” ser considerado “bom senhor” também é “altíssimo” e “omnipotente”. Na sua recusa da submissão vertical, Caeiro nunca poderia aceitar esta transferência de poder. Por isso, apropria-se da linguagem franciscana, parodiando as fórmulas laudatórias e reconstruindo a gramática sagrada. Assim, escreve versos como “Bendito seja eu por tudo quanto não sei”³¹, “Mas graças a deus que há imperfeição no mundo”³², “Quem tem as flores não precisa de Deus”³³. E, seguindo de perto a melopeia anafórica de “O Cântico do Sol”, substitui o “Louvado sejas, meu senhor”³⁴ por “Louvado seja Deus que não sou bom”³⁵, num contexto de recusa da solidariedade e de desconstrução irrisória das boas intenções de todos aqueles que se preocupam com o sofrimento alheio, porquanto “todo o mal do mundo vem de nos importarmos uns com os outros, / Quer para fazer bem, quer para fazer mal”³⁶.

Caeiro recusa a fraternidade sentimentalista de São Francisco, rejeitando igualmente a cristianização de Jesus. Fernando Pessoa manifestou, desde muito cedo, uma grande aversão pelas igrejas, e em especial pela igreja católica. O menino que havia sido educado em Durban numa escola de freiras irlandesas, e que aos catorze anos escreveria uma emocionada “Ave-Maria” dedicada à mãe³⁷, também era capaz de já menos menino, mas ainda muito jovem, escrever, em 1910, uma “ladainha negra”, cujos versos iniciais (“Maldita seja em toda a parte / A Igreja Catholica”)³⁸ transformam o louvor em maldição e propiciam uma sátira de contornos escatológicos, cujo conteúdo é de escasso valor literário, mas testemunha o desafecto activo que uma parte substancial de Pessoa nutria pelo catolicismo. Num texto também de 1910,

³¹ Id., *ibid.*, 77.

³² Id., *ibid.*, 91.

³³ Id., *ibid.*, 86.

³⁴ A. Herculano de Carvalho, *op.cit.*, 82-83.

³⁵ Fernando Pessoa, *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, 82.

³⁶ Id., *ibid.*, 82.

³⁷ Teresa Rita Lopes, *Pessoa por Conhecer — Textos para um novo Mapa*, 2º vol. (Lisboa 1990) 125-127.

³⁸ Id., *ibid.*, 221-222.

“Louvado seja Deus que não sou bom”: Alberto Caeiro, São Francisco de Assis e o menino Jesus

o poeta abandona o teor grosseiramente escatológico, mas mantém, em tom jocoso, a mesma afirmação de descrença. “Tal pae tal filho” é o título do poema:

*“Este tal Robertson, diz Jesus Christo
Ao seu divino Pae
Tem o ousio de dizer que eu não existo*

*Deixa-o disse Deus Padre. Eis a verdade:
Tal pae tal filho; é natural assim
E o não existir é qualidade
Que tu herdás de mim”³⁹*

Na poesia de Alberto Caeiro, a antipatia pela igreja manifesta-se no famoso poema oitavo de “O Guardador de Rebanhos”. O texto tem uma história: nasce de um estado de irritação, de que o próprio poeta se arrepende mais tarde, porque a irritação não se coaduna com os pressupostos configuradores da sua serenidade artificial. Mais uma vez, é o discípulo Álvaro de Campos quem nos recorda a gênese do poema, reproduzindo as declarações do mestre:

“Lembro-me perfeitamente de como escrevi esse poema. O Padre B... tinha estado lá em casa a falar com a minha tia e esteve a dizer tantas coisas que me irritaram que eu escrevi o poema para respirar.”⁴⁰

Não sabemos o que terá dito o tal padre provocador de irritações teológicas, mas é possível reconstruir as bases do discurso catequético, partindo da história do menino Jesus narrada no poema. O menino foge do céu, e descendo à terra destrói a relação vertical configurada no poema de São Francisco de Assis. Não deixa de ser um deus, mas é apenas mais um, como preconiza Ricardo Reis nas suas odes, reagindo aos malefícios da “mentalidade cristã”, que ele considera “constitucionalmente acostuada a encarar esta vida como prelúdio de outra e subordinada a ela”⁴¹. Na mesma linha de pensamento, Alberto Caeiro descrucifica o menino Jesús, libertando-o de todas as vestes com que a tradição religiosa o amortalhou. Mais uma vez, é preciso aprender a

³⁹ Id., *ibid.*, 222.

⁴⁰ Álvaro de Campos, “Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro”: Fernando Pessoa, *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, 173.

⁴¹ Ricardo Reis, “Comentário de Ricardo Reis”: Fernando Pessoa, *op. cit.*, 193.

desaprender, é necessário desnudar a alma. O processo de desnudamento consiste essencialmente na revisão satírica de algumas verdades estruturantes do catolicismo. O poema pode ser confrontado com algumas passagens de *A Velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro, nomeadamente com “O Génesis”, um texto que descreve “Jeová, por alcunha antiga — o Padre Eterno” como um velho sebento que esgravatou o nariz e fez a terra, escarrou “no mundo sublunar, / E a saliva ao cair na Terra fez o mar”⁴². E, depois de ter criado todas as coisas,

*“O pobre Criador sentindo-se já fraco,
(Coitado, tinha feito o universo e um macaco
Em seis dias!) pensou: — Deixemo-nos de asneiras,
Trago já uma dor horrível nas cadeiras,
Fastio... Isto dá cabo até duma pessoa...
Nada, toca a dormir uma sonata boa! —
Descalçou-se, tirou os óc'los e o chinó,
Pitadeou com delícia alguns trovões em pó,
Abriu, para cair num sono repentino,
O alfarrábio chamado o Livro do Destino,
E enflanelando bem a carcaça caduca,
Com o barrete azul-celeste até à nuca,
Fez ortodoxamente o seu sinal da cruz
Como qualquer de nós, tossiu, soprou à luz
E de pança prò ar, num repouso bendito,
Espojou-se, estirou-se ao longo do infinito
Num imenso enxergão de névoa e luz doirada.*

E até hoje, que eu saiba, inda não fez mais nada”⁴³

No poema de Caeiro, é Jesus quem se encarrega de distorcer os contornos do retrato de Deus, dizendo que ele é “um velho estúpido e doente, / Sempre a escarrar no chão / E a dizer indecências”. A Virgem Maria, “leva as tardes da eternidade a fazer meia”, e o Espírito Santo “coça-se com o bico / E empoleira-se nas cadeiras e suja-as”. Perante este tipo de irrisão iconoclasta é compreensível a conclusão: “Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica”⁴⁴. Embora haja alguma semelhança entre o vocabulário de Guerra Junqueiro e o de Alberto Caeiro, a substância dos poemas é muito diferente.

⁴² Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno* (Porto s/d) 175-177.

⁴³ Id., *ibid.*, 177.

⁴⁴ Fernando Pessoa, *op. cit.*, 55.

“Louvado seja Deus que não sou bom”: Alberto Caeiro, São Francisco de Assis e o menino Jesus

Segundo Camilo Castelo Branco, Junqueiro “crê em Deus e na imortalidade da alma, crê na bem-aventurança para os bons e nas penas eternas para os maus; pede a Deus a sua divina compaixão para os que padecem e para os que delinquiram”⁴⁵. Caeiro não acredita em nada disso⁴⁶; tudo isso são empecilhos que atrapalham a limpidez do pensamento, como diz noutra contexto, no poema quarenta e seis de “O Guardador de Rebanhos”: “O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado / Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar”⁴⁷. O seu menino Jesus também despe esse fato pesado e foge de uma sagrada família em que o pai não é uma pessoa, mas duas “Um velho chamado José, que era carpinteiro, / E que não pai dele; / E o outro pai era uma pomba estúpida, / A única pomba feia do mundo”. E a mãe “Não era mulher: era uma mala / Em que ele tinha vindo do céu. / E queriam que ele, que só nascera da mãe, / E nunca tivera pai para amar com respeito, / Pregasse a bondade e a justiça”⁴⁸. Descristianizando-se, o menino Jesus aproxima-nos mais de Deus. É o menino do presépio de São Francisco de Assis, mas sem presépio.

Toda a poesia de Alberto Caeiro é uma tentativa muito complexa de despir o fato, envergando todavia outras vestes que só na aparência são mais leves. Na prosa dos seus versos, liberta-se, por vezes, a poesia; e, sintonizando-se com a voz mais profunda dos seus discípulos, lenifica a aspereza do filósofo com o olhar “contaminado” do poeta. E surgem então versos tão belos como este: “A neve pôs uma toalha calada na mesa de tudo”⁴⁹. Seria fácil o exercício de autoparódia, até porque, como defende Maria Helena Nery Garcez, São Francisco “é o simples que Caeiro desejaria ser”⁵⁰. Mas não foi. Será que devemos dizer “Louvado seja Deus que não era bom?”. Talvez.

⁴⁵ Guerra Junqueiro, *op. cit.*, XI.

⁴⁶ A relação com o menino Jesus é, no entanto, muito harmoniosa, como se vê na parte final do poema, reflectindo a intertextualidade subtil com a égloga IV de Virgílio (cf. Maria Teresa Schiappa de Azevedo, *op. cit.*, 103-106).

⁴⁷ Fernando Pessoa, *op. cit.*, 96.

⁴⁸ Id., *ibid.*, 53.

⁴⁹ Id., *ibid.*, 150.

⁵⁰ Maria Helena Nery Garcez, *op. cit.*, 78.

* * * * *

Abstract: There are those who argue that Alberto Caeiro's poetry is very simple: seeing and not thinking is enough. However, Caeiro is a compulsive thinker. By resorting to an apparently unsophisticated poetic discourse, the Master challenges some certainties assumed by western culture, such as the view of nature popularised by Saint Francis of Assisi.

Keywords: Alberto Caeiro; Saint Francis of Assisi; parody.

Resumen: Hay quienes dicen que la poesía de Alberto Caeiro es muy simple: basta con ver y no pensar. Sin embargo, Caeiro es un pensador compulsivo. A través de un discurso poético en apariencia sincero, el Maestro cuestiona algunas certezas de la cultura occidental, como, por ejemplo, la visión de la naturaleza divulgada por San Francisco de Asís.

Palabras clave: Alberto Caeiro; San Francisco de Asís; parodia.

Résumé: Certains affirment que la poésie d'Alberto Caeiro est très simple: suffit-il de la voir sans y réfléchir. Toutefois, Caeiro est un penseur compulsif. Sous un discours poétique apparemment sans recherche ni apprêt, le Maître met en question certaines convictions de la culture occidentale, comme, par exemple, la vision de la nature répandue par Saint François d'Assise.

Mots-clé: Alberto Caeiro; Saint François d'Assise; parodie.

Resumo: Há quem diga que a poesia de Alberto Caeiro é muito simples: basta ver e não pensar. No entanto, Caeiro é um pensador compulsivo. Através de um discurso poético aparentemente singelo, o Mestre questiona algumas certezas da cultura ocidental, como, por exemplo, a visão da natureza divulgada por São Francisco de Assis.

Palavras-chave: Alberto Caeiro; São Francisco de Assis; paródia.